

Circulação e interações digitais: primeiras aproximações

João Vitor Corrêa¹

Sandra Nunes Leite²

Universidade Federal de Alagoas

Resumo

Na sociedade midiaticizada, as fronteiras que outrora distinguiam produtores e receptores de discursos se descaracterizam, borram-se. Através do trabalho articulado da circulação em ambientes virtuais, possibilitado pela dinâmica fluida das novas mídias digitais, os discursos passam por processos de redesenho e redescobertas por parte de seus agentes. Na malha pervasiva e deslizante do ciberespaço a circulação se expõe, materializa-se. Este trabalho procura aproximar o conceito de circulação, desenvolvido pelos estudos de Fausto Neto (2010a, 2010b) e Braga (2012a, 2012b), das novas tecnologias de comunicação, de modo a se buscar evidenciar de que forma tais ambiências vêm permitindo novas lógicas de circulação dentro da chamada “arquitetura comunicacional” contemporânea. Tais lógicas poderão ser vislumbradas empiricamente através da exposição e análise de postagens específicas do perfil da revista *Carta Capital* da rede social da internet *Facebook* sobre as eleições presidenciais de 2014.

Palavras-chave:

Circulação; Midiaticização; Discursos; Ciberespaço; Interações digitais.

Abstract

In the mediatized society, the boundaries that once distinguished discourse producers and recipients are now mischaracterized. Through the work of *circulation* within cyber places, made possible by the fluid dynamics of new digital media, discourses are rebuilt and rediscovered by their agents. When discussing cyberspace, *circulation* emerges as a key concept to analyze new media. This papers aims to correlate the works of Fausto Neto (2010a, 2010b) and Braga (2012a, 2012b) on *circulation* with new media

¹ Estudante de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Membro do grupo de pesquisa CNPq Comunicação & Cidadania; Colaborador de pesquisa PIBIC/CNPq; correa.jvtc@gmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio Sinos (Unisinos); Professora do Curso de Relações Públicas (Ufal); Líder do grupo de pesquisa CNPq Comunicação & Cidadania; Integrante da pesquisa "Dispositivos Interacionais - estudo de casos em contexto de midiaticização" CNPq, coordenada por José Luiz Braga. Coordenadora de pesquisa PIBIC/CNPq; snunesleite@gmail.com

technologies, as so to put in evidence how new media technologies convey new logics to the communication processes found in cyber places. For an empirical analysis, we will expose and examine a Facebook page from a national and political magazine called *Carta Capital*, specifically by analyzing posts relating to the 2014 Presidential Elections in Brazil.

Keywords:

Circulation; Mediatization; Discourses; Cyberspace; Digital interactions.

1. Situando o objeto

A metáfora dos líquidos de Bauman (2001) nos fornece pistas essenciais sobre as dinâmicas nas quais a sociedade contemporânea se encontra. Fala-se de um momento *sui generis* do *homo sapiens sapiens*, em que seus aspectos histórico, social e cultural dificilmente estiveram tão desprendidos, tão soltos dentro de uma ambiência leve, de um estrato social de convívio e de trocas deslizante, intercambiável e inconstante – e não necessariamente preso a delimitações físicas, pontos de encontro circunscritos a espaços determinados, fisicalidades palpáveis. Da mesma forma, dificilmente esses aspectos saltaram tanto aos olhos do pesquisador social contemporâneo, quando os comparou com o modelo anterior de sociedade, tomado por Bauman como um modelo “sólido”, e que agora enfrenta o derretimento de suas antigas instituições.

A perspectiva de Bauman acerca da fluidez moderna traduz, portanto, a realidade social vigente, em especial as relações mantidas no ciberespaço. O que é fluido desliza por entre os dedos, foge do palpável; logo, não pode ser contido facilmente – este é o cerne da dinâmica comunicacional contemporânea e da *circulação* em ambientes hipermidiáticos.

O autor também discute as dinâmicas instáveis que espaço e tempo realizam nessa modernidade que se anuncia, em que as relações de poder nos estratos sociais se fazem através de novos canais e métodos. Fala-se de um poder que se torna “verdadeiramente *extraterritorial*, não mais limitado, nem mesmo desacelerado, pela resistência do espaço” (BAUMAN, 2001, p. 18). Em seguida, Bauman nos fornece o exemplo claro que para ele demonstra essa nova configuração: “o advento do telefone celular serve bem como ‘golpe de misericórdia’ simbólico na dependência em relação

tempo e espaço: o próprio acesso a um ponto telefônico não é mais necessário para que uma ordem seja dada e cumprida” (Idem., p. 18).

Outros autores – ver Santaella (2007, 2010) e Lévy (1993, 1996) – discutem essa nova configuração de forma a situá-la no cerne das discussões acerca da “arquitetura comunicacional” contemporânea, marcada pela mobilidade e ubiquidade típicas dos chamados espaços virtuais (ciberespaço) – onde a hipermídia se realiza e se expande. Dessa forma, os autores exploram a relação tempo-espaço dentro da problemática das novas tecnologias de comunicação, que dadas suas características vêm inaugurar novos lugares de circulação discursiva (FAUSTO NETO, 2010a), marcados pela não linearidade, por novas temporalidades e pela ausência de materialidade.

Na sociedade contemporânea o ordenamento social se encontra, de acordo com as visadas de pesquisadores como Verón (1997), Fausto Neto (2008) e mais recentemente Hjarvard (2012), atrelado a um novo fenômeno, o midiático. De modo que as ações de grupos e indivíduos, bem como a visibilidade deles frente aos demais ordenamentos sociais, são atravessadas, em certa medida, pelo trabalho articulado desse novo fenômeno, corporificado primeiramente nos meios de comunicação de massa – rádio e televisão – e hoje também engendrado nas chamadas novas mídias – que se realizam na internet e suas infinitas possibilidades.

Fala-se, pois, do processo de *midiatização*, em que as dinâmicas societárias se encontram atravessadas pelas lógicas de funcionamento das mídias no que tange à discursividade e aos aparatos tecnológicos de circulação de mensagens. Dessa forma, este artigo busca explorar de que maneira essa nova ambiência, possibilitada pelo advento da internet e, com isso, do ciberespaço vem evidenciar o trabalho da circulação – por si só um lugar de operações discursivas, de redesenhos e redescobertas por parte dos agentes que já não mais se distinguem entre produtores e receptores, mas de participantes ativos do processo de tessitura desses novos discursos hipermidiáticos, que deslizam à guisa da fluidez dos ambientes virtuais.

Ao elegermos a página da revista *Carta Capital* da rede social da internet *Facebook* como objeto empírico, entendemos se tratar de um espaço rico e fértil de análises, quanto aos processos comunicacionais que ali se realizam. Ao focarmos nosso olhar sobre postagens específicas relativas às eleições de 2014, procuraremos identificar o trabalho do dispositivo circulatório. Dessa forma poderemos perceber os modos pelos

quais os discursos que ali se redesenham e são acionados se inserem numa cena de interações em que não há distinção de pólos – *emissor x receptor*, mas uma cena permeada de desvios e incertezas, bem como ineficácias (LEITE, 2014) por parte dos agentes em *tentativa* (BRAGA, 2010). Entendemos que nas cenas de interações propiciadas pelo *Facebook*, assim como em quaisquer outros espaços de interação, os agentes-atores tecem o discurso por meio de uma cadeia de translações³ (LATOURE, 2001). Em outras palavras, trataremos com maior ênfase os dispositivos interacionais (BRAGA, 2011) determinantes do processo.

Por uma melhor compreensão da problemática aqui exposta, no entanto, e por fidelidades epistemológicas, alguns conceitos tratados acima merecem melhores delimitações, antes que prossigamos para as aproximações empíricas intencionadas neste trabalho.

2. Ciberespaço, Hipermídia e Circulação: delimitações necessárias

Não podemos pensar a comunicação hoje sem nos atermos ao crescimento exponencial das novas tecnologias de comunicação, em especial aquelas que ensejam a criação de ambientes virtuais, programados através da informação traduzida em *bits*. O que não podemos, certamente, é cair em determinismos tecnológicos.

De acordo com Santaella (2010) o termo *ciberespaço* foi cunhado por Gibson em seu livro *Neuromancer*, de 1984. Desde lá já se pensava num universo informacional carente de materialidade. No que se refere à atualidade do conceito, a autora esclarece que o mundo virtual é “um espaço de interação, cujo acesso se dá por meio de interfaces dos mais diversos tipos que permitem navegar a bel-prazer pela informação hipermidiática e reenviá-la para quem quer que seja, de qualquer e para qualquer lugar do planeta.” (SANTAELLA, 2010, p. 71).

A autora também atenta para o fato de que hoje não há mais uma distinção clara entre o que é virtual e o que é físico, uma vez que nos achamos dentro de um complexo espaço, onde nossos corpos passam a transitar entre o físico e o imaterial em ciclos constantes e complementares. Estamos atravessando a era dos *espaços intersticiais*,

³ Termo utilizado por Latour (2001, p. 356) para se referir "ao trabalho graças ao qual os atores modificam, deslocam e transladam seus vários e contraditórios interesses", ou ainda, "a todos os deslocamentos por entre outros atores cuja mediação é indispensável à ocorrência de qualquer ação".

termo cunhado por Santaella para dar conta da nossa realidade física entrecruzada com informações digitais dentro dessa nova cultura da mobilidade – nossa ausência/permanência em ambientes físicos pode ser suplantada a todo instante pela atenção dispendida com mídias móveis como *Ipods*, *Tablets*, *Iphones* etc. – mídias estas embutidas na malha perfasiva do ciberespaço, em que os fluxos comunicacionais deslizam a velocidades e em quantidades nunca antes vistas.

Dito isto, partamos para a delimitação do conceito de *Hipermídia*: segundo Feldman (1995, p. 4) apud Santaella (2007, p. 317) hipermídia significa “a integração sem suturas de dados, textos, imagens de todas as espécies e sons dentro de um único ambiente de informação digital”. Sob essa perspectiva, a linguagem hipermidiática inaugura “processos de comunicação inteiramente novos, interativos e dialógicos.” (Santaella, *Idem.*, p. 293).

Tanto é que por ser um meio dialógico, de interação, a hipermídia nos convida ao seu encontro, à sua construção. Como nos diz Santaella (*Idem.*, p. 321): “a hipermídia pressupõe um desenho estrutural para a inserção interativa do leitor imersivo ou navegador. No seu caráter movente, fluido, submetido às intervenções do usuário, as estruturas da hipermídia constituem-se em ‘arquiteturas líquidas’”.

Em face aos ensejos a que este trabalho se destina, podemos dizer que são nelas, nas linguagens hipermidiáticas, que a circulação emerge como dispositivo visível, inegável – conceito resgatado e, assim, reintroduzido por Fausto Neto (2010a e 2010b) para explicar o nível interacional em que atores do discurso alcançaram dentro das dinâmicas sociais contemporâneas fortemente influenciadas pelo atravessamento do campo das mídias sobre os demais campos sociais. Em seu trabalho intitulado *A circulação além das bordas*, o pesquisador nos fala sobre o escurecimento das bordas que antes teimavam em separar produtores e receptores, bordas que os distinguem, os polarizam e assim os colocavam como instâncias estanques, sem possibilidade de mudança.

Sob esta nova luz epistemológica, o autor nos convida a examinar os discursos e seus alcances, bem como suas afetações, a partir da circulação, já empreendida como dispositivo:

a circulação – transformada em lugar no qual produtores e receptores se encontram em ‘jogos complexos’ de oferta e de reconhecimento – é nomeada

como dispositivo em que se realiza trabalho de negociação e de apropriação de sentidos, regidos por divergências e não por linearidades. (FAUSTO NETO, 2010a, p. 63).

À noção da circulação como dispositivo o autor esclarece que “a associação [...] tem a ver com as profundas alterações tecnológicas, na forma de meios e de discursos, que engendram a ‘arquitetura comunicacional’ hoje” (Ibidem.). A essas alterações de caráter tecnológico previamente exploradas somam-se as novas lógicas inauguradas pela hipermídia. Santaella (2010, p.63) nos confirma que

as estruturas digitais híbridas de textos, imagens, áudios, vídeos e programações têm possibilitado a criação de uma lógica nunca antes explorada, uma lógica característica da hipermídia que é própria das redes nas quais os meios de produção, de armazenamento, de distribuição e de recepção se fundem em um todo complexo. Neste, borram-se as tradicionais bordas comunicativas entre produção, de um lado, e recepção, de outro.

Em verdade, portanto, ao discutirmos a problemática da circulação buscamos apreender, a partir de uma visão holística, as injunções decorrentes da relação sujeito (e seu papel na cadeia discursiva), meios (novos canais, as novas mídias) e máquina (a parafernália tecnológica que dá vida ao virtual, e permite ao sujeito se inserir no ciberespaço). Ao mesmo tempo, estamos deslocando a qualidade do sujeito antes vista como primordial e central na tessitura dos discursos, para colocá-lo como um ponto articulado dentro de uma rede mais complexa de ofertas, reconhecimentos, rearranjos e indeterminações que é a circulação. Como Verón (2004) nos afirma, “o sujeito não é mais a ‘fonte’ do sentido, mas um ponto de passagem na circulação do sentido, um relé dentro da rede das práticas discursivas” (VERÓN, 2004, p. 82).

Assim, vivencia-se hoje dentro do espaço social das interações – aqui de forma específica as interações empreendidas no ciberespaço – o que Leite (2014) vem chamar de *deslocamentos comunicacionais*, quando descreve os modos como Universidade e sociedade interagem. Tais deslocamentos, aqui compreendidos como as ações decorrentes dos “agentes em movimento” – numa alusão ao fato de que hoje já não há mais distinção entre produtores e receptores, sendo os agentes participantes ativos nas

interações sociais –, podem ser situados como uma das consequências das novas lógicas de circulação que a modernidade líquida testemunha e que é objeto de investigação deste trabalho.

Como consequência dessas novas relações sujeito-mídias que a circulação engendra, Fausto Neto também destaca a preocupação dos meios em mudar suas lógicas na intenção de manter seus públicos, o que nos mostra o quão dependente é a relação sujeitos – meios – tecnologias. As afetações são multidirecionais e resultam numa complexificação dos protocolos e estratégias dos meios em fidelizar seus consumidores. E por se tratar de uma lógica regida por indeterminações, desvios e incertezas – dentre outros adjetivos –, não há garantias de que tais consumidores assinem “carta branca”, como bem nos lembra o autor (FAUSTO NETO, 2010a, p. 14).

4. Circulação e interações digitais

Na hipermídia, as próprias características dessa nova linguagem permitem o trabalho do dispositivo circulatório. Vejamos os três grandes eixos compositivos da hipermídia propostos por Santaella (2010, p. 93) e as possíveis categorias de análise empírica que pudemos elaborar a partir delas, e que neste trabalho serão direcionadas à análise da cena de interações de postagens do perfil da revista *Carta Capital* no *Facebook*:

- a. A hibridização dos processos sógnicos, códigos e mídias que a hipermídia aciona e que rebate na mistura de sentidos receptores, na sensorialidade global, sinestesia reverberante que ela é capaz de produzir, na medida mesma em que o receptor ou leitor imersivo interage com ela, cooperando na sua realização.
- b. [...] a hipermídia armazena informação e, por meio da interação do usuário, transmute-se em incontáveis versões virtuais que vão brotando na medida mesma em que o interator se coloca em posição de coautor. [...].
- c. A hipermídia é tecida por nós e nexos. Concentrando uma quantidade imensa e potencialmente infinita de informação, a hipermídia pode consistir de centenas e mesmo milhares de nós, com uma densa rede de nexos. Disso advém a grande flexibilidade do ato ao ler uma hipermídia, uma leitura sempre em trânsito.

Com esses três eixos podemos delinear precisamente as potencialidades dessa nova linguagem, bem como situá-la junto ao dispositivo circulatório e suas operações, a partir da elaboração de três categorias de análise:

- a. Em referência ao primeiro eixo estabelecido acima por Santaella, quando se fala no resultado que a hipermídia, por sua hibridização sígnica, realiza no receptor ou leitor imersivo, podemos apreender que o agente (aqui, o leitor) é atraído pelo discurso hipermidiático na medida mesma em que este se vê diante de uma gama de possibilidades; em outras palavras, ao imergir num discurso hipermidiático (tomemos como exemplo os discursos que circulam no *Facebook* através de perfis/páginas de grandes mídias ou dos próprios leitores imersivos em ação por meio de suas postagens de cunho crítico acerca de determinado tema), esse leitor-ator-agente leva o discurso adiante – o que Braga (2012a) denominou de *fluxo adiante* –, porém não o transporta apenas; esse leitor-ator-agente modifica/produz e coloca novamente em circuito esse discurso, que mesmo tendo sido *produzido*, já é resultado de um palimpsesto; ou seja, na circulação os discursos estão em constante *devenir*, em construção permanente, pois segundo suas lógicas mesmas (da circulação) esses discursos englobam atores da ordem de indivíduos, meios e parafernalias tecnológicas. As afetações são multilíneas, e assim a circulação é marcada por esse ininterrupto *fluxo adiante*, bem como pelos *deslocamentos comunicacionais* empreendidos pelos agentes inseridos no dispositivo.

- **Categoria de análise proposta 1:** analisar o objeto (postagem específica do perfil da *Carta Capital* no *Facebook* e os comentários atrelados a ela) percebendo os modos como os discursos foram construídos, a partir dos *deslocamentos comunicacionais*, ou das *translações* observadas.

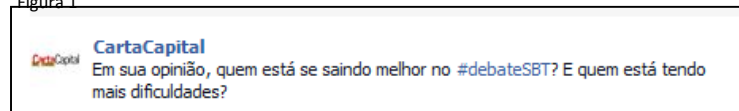
- **Análise**

Dentre as diversas cenas de interações que podem ser encontradas/visualizadas no *Facebook*, elegemos aquelas que se desenvolveram (e se desenvolvem, pensando na circulação) na página da Revista *Carta Capital*, especificamente durante a semana do debate na emissora SBT com os candidatos à presidência das eleições de 2014 – considerando que certos fenômenos estimuladores (como os debates) geram cenas com maior grau de interações dos atores nas mídias sociais digitais, permitindo-nos dessa

forma trazer à baila de forma mais nítida o que aqui estamos tentando propor enquanto análise.

Por conseguinte, consideremos a provocação inicial realizada pelo ator-Carta Capital durante o debate com os presidenciáveis no emissora de televisão SBT:

Figura 1

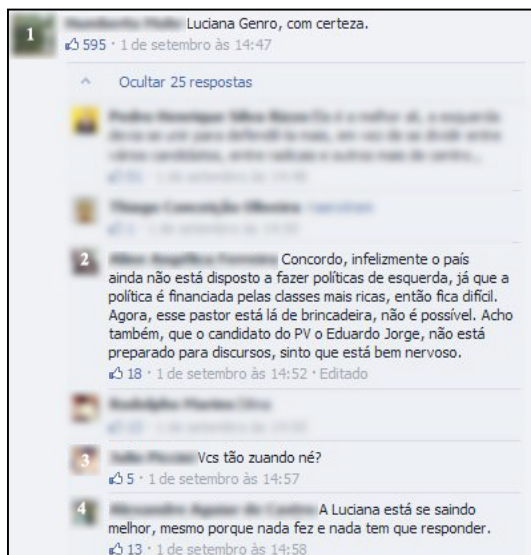


FONTE: Reprodução/Facebook

Tendo em vista o que Latour (2001) nos diz sobre translações, “trabalho graças ao qual os atores modificam, deslocam e transladam seus vários e contraditórios interesses”, podemos situar a postagem da revista como o movimento “inicial” – porém precedido pelo discurso que já está em circuito e que direcionou a postagem – que vai desencadear a cadeia de translações (os comentários dos atores-usuários da mídia em questão) que se processa em seguida.

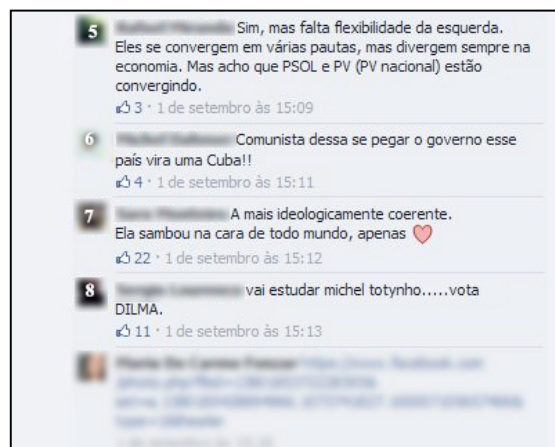
Em resposta ao movimento da revista, vários atores, aqui nomeados por números, se inserem no circuito, dividindo seus movimentos (translações) em falas-opiniões e críticas:

Figura 2



FONTE: Reprodução/Facebook

Figura 2



FONTE: Reprodução/Facebook

O que podemos inferir de tais movimentos é que, nos ambientes virtuais, apesar de nitidamente haver uma separação entre a instância estimuladora (Carta Capital) e a outra instância (os demais atores), o discurso vai se tecendo a partir de uma ausência de

polarizações. São vários os atores que agora passam a se inserir numa cena e determiná-la, num movimento multilinear e operado segundo lógicas regidas por desvios e ineficácias (pois os atores se inserem na cena com suas falas-opiniões e críticas, além de *comentários* puramente provocativos, que ao passo que não contribuem especificamente para o desenrolar de uma temática, não deixam de compor o movimento, não deixam de operar o dispositivo circulatório).

Os *deslocamentos comunicacionais*, portanto, são exatamente o movimento-resultado dos traços deixados pelos atores, dispostos num processo interacional guiado por desvios e indeterminações (a circulação). Muitos desses movimentos se traduzem em verdadeiros *constrangimentos comunicacionais* (BRAGA, 2014)⁴, interpelações que visam distorcer/invalidar/regular em certa medida o movimento anterior. Como, por exemplo, o movimento do ator 3: "**vocês tão zuando né?**". E isso nos leva à segunda categoria de análise.

- b. Em relação ao segundo eixo e tomando o nosso objeto, na medida em que um leitor-ator-agente interage – seja através de postagens próprias, seja através de comentários em outras postagens ou mesmo através do seu silenciamento diante de determinada interpelação ou de sua simples “curtida” não seguida de comentário – esse indivíduo está construindo um discurso social em trânsito, em que os papéis desempenhados por esse indivíduo também estarão sempre em trânsito, uma vez que as injunções do dispositivo circulatório se traduzem em nada mais que complexidades. Esse indivíduo faz parte de uma esfera maior de construção que está sempre em movimento, pois a comunicação é sempre tentativa (BRAGA, 2006) e relacional.

- **Categoria de análise proposta 2:** analisar o objeto buscando perceber as falas-opiniões dos atores dentro da problemática público-privado. Assim, pode-se investigar esses discursos a partir dos *constrangimentos comunicacionais*, em que os atores em cena procuram regular as interações por meio de interpelações.

- **Análise**

Na imagem capturada abaixo, podemos identificar um constrangimento típico encontrado nos ambientes de interação digital: os discursos que outorgam certa

⁴ Braga, Adriana. Comunicação apresentada durante o Pentágono V do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação, Japaratinga-AL, 2014.

autonomia/autoridade e conhecimento prévio acerca de determinado tema (político, neste caso), e que evocam para si o papel de regulador daqueles outros discursos publicizados anteriormente e incompatíveis com os *valores morais* do ator que realizou o constrangimento:

Figura 3



FONTE: Reprodução/Facebook

Esse ator que constrange, por sua vez, foi induzido a agir a partir de um movimento anterior. Nenhum comentário foi seguido a esse descrito acima, o que não implica dizer que o fluxo se extinguiu. Apenas o *fluxo visível* da interação cessou. As interações, supõe-se, ou continuaram em outras cenas interações mais restritas (*Messenger*, email, Whatsapp etc.), ou ainda face a face. Lembrando que silenciamentos não deixam também de ser ações e que, por isso, merecem atenção/estudo/análise/ponderações.

- c. Portanto, em relação ao terceiro eixo de Santaella, não apenas a construção e os papéis estarão sempre em trânsito, mas de forma óbvia também o estará o ato de leitura desses discursos. A comunicação hipermediática se faz multilinear, tentativa, tergiversante, fragmentada, porém sempre em oferta – ao se submeter às tecnologias do disponível (os aparelhos móveis de comunicação que se conectam a internet quase que ininterruptamente). Assim, a circulação pode ser comparada ao sangue que corre por todas as nossas artérias: o discurso estará sempre em retroalimentação, em fluxo constante, *adiante*, e sempre presente; os sentidos estarão sempre à guisa da complexa dinâmica do dispositivo circulatório.

- **Categoria de análise proposta 3:** Perceber os processos comunicacionais realizados nestes espaços como uma imensa rede de nós, cada um representando atores inseridos em cenas de interações diversas. A partir daí procurar perceber como as translações se processam e como um ator induz o outro à ação – como as falas individuais dos atores, traduzidas em comentários, induzem à ação do ator seguinte.

de lógicas distintas. A comunicação é tentativa (Braga, 2010), guiada mais por desvios e indeterminações (próprios da *circulação*), que por lógicas convergentes.

Na *figura 4*, observamos um discurso tecido por opiniões entrecruzadas, constrangimentos comunicacionais, apelos e argumentos que evocam autoridade. Além de opiniões em favor de um movimento anterior (*ator 19*: "**Disse tudo Eder Ferreira, da mesma forma que a Marina também fala bonito, mas na prática é totalmente diferente.**"). Tudo isso observado, então, como marcas discursivas que apontam para um dispositivo (*circulação*) cuja operacionalização é pautada por divergências, por *processos tentativos*. Os encaminhamentos do processo, portanto, ficam a cargo mesmo desses *processos tentativos*, que se inserem no circuito de forma ininterrupta. Circuito este em construção permanente.

5. Algumas considerações

Como procuramos discutir até então, a hipermídia, resultado da complexificação tecnológica que possibilitou o advento do ciberespaço, e aonde nele foi possível dispor num mesmo plano articulado as várias linguagens antes separadas por seus suportes (palavras, áudio, vídeo e imagem), a partir da lógica codificadora dos *bits* em sequências numéricas compostas de 0 e 1, vem se expandindo de forma exponencial nas redes, à medida que novas potencialidades discursivas entram no jogo complexo da circulação. Especificamente no *Facebook*, rede social da internet em que é possível ao usuário produzir, compartilhar e discutir as mensagens que ali são geradas e/ou reproduzidas a partir de outros espaços – sejam essas mensagens híbridas, compostas de texto, vídeo e imagens, ou não.

No *Facebook*, ao intercambiarem mensagens acerca de uma temática central (as eleições presidenciais de 2014), esses agentes (internautas) participam de um discurso em trânsito (fazendo referência às categorias analíticas que procuramos estabelecer a partir dos eixos compositivos da hipermídia nesta pesquisa). Podemos apreender, com isso, que o conjunto de ações (as mensagens circuladas nesta rede social da internet) que se desenvolvem neste ambiente (*Facebook*), a partir de um fenômeno estimulador específico (eleições 2014) reflete-se num movimento irrestrito, indeterminado e ininterrupto que é o movimento do dispositivo circulatório.

Quando analisamos a página da revista *Carta Capital*, pudemos perceber como a cena de interações e o trabalho do dispositivo circulatório se realizam. Pudemos perceber os nós dos atores sendo criados dentro da cena, e a circulação assim emergir como operação pontual nesses espaços de concatenação de ações/atores – como nos lembra Latour (2012).

Ao situarmos a problemática da circulação à problemática das mediações tecnológicas contemporâneas intendeu-se refletir sobre os novos modos pelos quais os discursos são produzidos, redescobertos e redesenhados na comunicação hipermediática, e de que forma as características desse meio (ciberespaço) influenciam na própria construção desse discurso.

Procurou-se estabelecer tentativas de categorização de dispositivos crítico-analíticos para se pensar a circulação na hipermídia/ciberespaço, ao passo que tais tentativas buscam contribuir para o pensamento epistemológico em comunicação, a partir de fenômenos empíricos específicos e que sugerem a aplicabilidade dos conceitos aqui discutidos.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRAGA, José Luiz. *La política de los internautas es producir circuitos*. In: CARLÓN, Mario; FAUSTO NETO, Antonio. (Org.). *Las políticas de los internautas - nuevas formas de participación*. Buenos Aires: La Crujia, 2012.
- _____. *Circuitos versus campos sociais*. In: Mattos, Maria Ângela; Janotti Junior, Jeder; Jacks, Nilda. (Org.). *Mediação & Mídiação*. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012.
- _____. *Dispositivos Interacionais*. In: XX Encontro Anual da Compós, 2011, Porto Alegre. *Anais do Encontro Anual da Compós*. Brasília: Compós, 2011. v. 1. p. 1-15.
- _____. *Nem rara, nem ausente - tentativa*. In: *Matrizes*, v. 4, p. 65-81. São Paulo: USP, 2010.
- _____. *A sociedade enfrenta sua mídia - dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.

FAUSTO NETO, Antonio. *Fragmentos de uma analítica da midiatização*. In: Matrizes, Abril, n. 2, São Paulo: USP, 2008.

_____. *As bordas da circulação*. In: *Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política*. V.10, n. 20, 2010.

_____. *A circulação além das bordas*. In: *Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos entre Brasil e Argentina*. Rosário, 2010.

HJARVARD, Stig. *Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*. In: Matrizes, Ano 5, n. 2, São Paulo: USP, 2012.

LATOURE, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: EDUSC, 2012.

_____. *A Esperança de Pandora*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. *As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

VERÓN, Eliseo. *Esquema para el análisis de la mediatización*. In: *Revista Diálogos de La Comunicación*, n. 48, Lima: Felafacs, 1997.

_____. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

_____. *Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências*. In: Matrizes, V. 8, n. 1, São Paulo: USP, 2014.